

MHA Engenharia **Jornal Interno**

ano X número 76

outubro, novembro e dezembro de 2011

publicação institucional editada
pela MHA Engenharia Ltda.

EXPEDIENTE

Conselho Editorial

Eduardo Luiz de Brito Neves e Salim Lamha Neto

Jornalista Responsável

Thiago Costa | MTB 39.767/SP

Repórteres

Vanessa Garbo e William Miranda

Projeto Gráfico e Editoração

Frederico Perret

EDITORIAL

pg 01

REPORTAGEM

pg 02

ENTREVISTA

pg 04

NOTAS

pg 01

EDITORIAL

Crescimento Empresarial

O preço do crescimento também é alto, mas a empresa que não cresce padece, diz o ditado. Ao optarmos pelo crescimento, sempre tivemos em mente que o movimento é melhor que o marasmo. Sem dúvida paga-se um preço, porém, é um custo saudável já que estamos sempre em movimento.

Ao implementarmos nossos planos de qualidade e gestão pudemos criar elementos que fazem com que aprendamos com nossos próprios erros – as chamadas ações corretivas e preventivas. Hoje temos em nossas equipes uma série de profissionais novos, os quais toda empresa precisa cuidar muito, pois é desse quadro de profissionais que sairão os novos gestores. O ganho que a empresa vem tendo com a gestão ampliada é de fundamental importância para o crescimento. Queremos crescer sempre, porém com qualidade. Devemos criar oportunidades, e ao criá-las fortalecemos o laço da gestão com a empresa de tal sorte que a cada profissional que galga uma posição de gestão nos é muito gratificante, e temos percebido que a recíproca também é verdadeira.

No próximo ano iniciaremos o programa “trainee” com 13 profissionais de engenharia que trabalharão conosco durante um ano. Com isso, ampliaremos nosso leque de oportunidades aos profissionais novos para que tenhamos um movimento de renovação, na busca de um dos nossos pilares: PERENIZAR.

Procuraremos atingir também o Rio de Janeiro – pois se trata de um grande mercado e também por percebermos ao longo dos anos que não é possível sobreviver com um único cliente. É necessário mesclar, como sempre fizemos, com a nossa atividade em São Paulo. Desde o semestre passado estamos nos movimentando rápido para que a equipe fique coesa e pronta a participar dessa nova empreitada.

Solicitamos a todos os gestores que a matriz operacional das disciplinas deve ser fortalecida e que as células devem focar sempre o trabalho e operacionalizar o grupo de profissionais de forma a não haver ociosidade nem reserva em qualquer célula – lembrando sempre que, uma célula forte não quer dizer empresa forte, porém uma empresa forte sempre terá condições de fortificar as células.

A Diretoria

NOTAS

Novo Mater Dei em BH

O Hospital Mater Dei, um dos maiores hospitais de Minas Gerais e referência na área de saúde no Brasil e no exterior, tais como o nascimento do primeiro bebê de proveta em Minas Gerais, conta com a excelência da MHA Engenharia em seu projeto de instalação de um Hospital Geral em Belo Horizonte. A obra de 70 mil metros quadrados, cujo projeto arquitetônico é da Zanettini Arquitetura, foi iniciada em agosto último e engloba instalações hidráulicas, elétricas, eletrônicas, de climatização, gases medicinais, prevenção a incêndios e ventilação mecânica, com 180 dias para conclusão. Além disso, serão utilizados recursos que preservem o meio ambiente como reuso de água pluvial.

Fábricas a Todo Vapor

Dispondo sempre de uma equipe de engenheiros de alto nível técnico, a MHA Engenharia está trabalhando em uma série de projetos de construção e expansão na área fabril. Um dos destaques é o aumento da área da fábrica da Pepsico em Sorocaba (SP), que passará a produzir uma nova linha de Toddyinho e de Cookies. Serão adicionados 12 mil metros quadrados ao projeto original. Outro destaque é o projeto de uma nova fábrica da BorgWarner em Itatiba, que terá 20 mil metros quadrados. A MHA responde pelos projetos básico, executivo e pelo gerenciamento do empreendimento. Também está a pleno vapor o projeto de preparação de matéria-prima na Michelin, em Campo Grande (MS), onde a MHA finaliza o projeto executivo.

Em Andamento

A unidade da Mercedes Benz, em São Bernardo do Campo (SP), aposta na acessibilidade. No local estão sendo instalados novos banheiros, que poderão atender às necessidades dos portadores de deficiência física. Também estão sendo executados projetos que visam à construção de um novo ambulatório, e a reforma do banco de testes número 3. Outra empresa que conta com a participação da MHA para tornar ainda melhor sua infraestrutura é a CP Kelco. Na unidade localizada em Limeira, interior de SP, estão sendo realizados os projetos civil, elétrico e de automação para um novo gerador. E na LPCM, no Rio de Janeiro, a MHA vem atuando no desenvolvimento do projeto de um laboratório de análise de polímeros.



Dobrar de tamanho sem perder o foco

A MHA Engenharia é responsável pelos projetos de instalações e pelo gerenciamento da execução das três novas torres que serão construídas junto ao Hospital Sírio-Libanês

Uma empresa de engenharia como a MHA é capaz de trabalhar nos mais variados segmentos, sejam quais forem os desafios. Um exemplo dessa versatilidade é o projeto de instalação hidráulica, elétrica, mecânica, de incêndio, gases medicinais e ventilação da ampliação do Hospital Sírio Libanês – a cargo da MHA desde 2008. Serão construídas três novas torres – os blocos E, F e G –, com uma área total de 90 mil m². Além dos projetos de instalações, a empresa também é responsável por fazer o gerenciamento da execução das obras, a cargo de outras companhias contratadas.

O vínculo com o Sírio-Libanês é antigo. Em 1986 a MHA fez o projeto do Bloco C, além de outros projetos realizados internamente ao longo dos anos – um exemplo é o Bloco D, onde foi implantado um centro de oncologia. “Esse projeto atual vem de uma sequência de trabalhos de muito tempo, e sempre tentamos atendê-los da melhor forma, com projetos de alta qualidade e atendimento de prazos”, garante Edison Domingues, diretor do projeto da MHA.

O conceito inicial que norteia toda a ampliação é que, com esses três novos blocos, o Sírio esgotaria a área de utilização do complexo. Por isso, as novas instalações precisariam ser feitas de forma a permitir no futuro a maior flexibilidade possível para novas áreas, alterações, revisões de layout, modificações e inserção de outras tecnologias com equipamentos mais modernos. “Tem toda a convergência de um aprendizado, e hoje a gente busca levar para as torres o que existe de mais atualizado e moderno na área da assistência à saúde”, afirma Rodrigo Macedo, superintendente de Engenharia e Logística do Sírio-Libanês.

Os blocos E e F serão construídos em estrutura metálica e incluirão área de exposições e central de internação, ampliação do setor administrativo, 34 leitos na UTI cardiológica, núcleo de especialidades (endoscopia, colonoscopia, oftalmologia,

entre outras), 14 salas no Centro Cirúrgico, 90 leitos na UCC e UCG, nove pavimentos de internação, restaurantes e capela. Já o Bloco G, que será estruturado em concreto, terá docas para recebimento de consignados, espaço do colaborador com academia e lan house, área de segurança do trabalho, refeitório para mais de 600 pessoas, CME, mais 12 leitos de UTI cardiológica, centro de reabilitação com ginásio e piscina, laboratórios e internação.

As novas torres também terão pavimentos técnicos, áreas de apoio, coberturas, barriletes, casas de máquinas e outro heliporto. O Bloco E terá 19 pavimentos, o F, 14, e o G, 17. Os blocos existentes não serão modificados, apenas haverá em alguns pontos específicas ligações entre as áreas novas e as existentes. “Todos os prédios irão se comunicar. Isso acarreta a necessidade de obras nesses setores de interligações para adaptação dos ambientes”, explica Fernando Marques, diretor adjunto da área de gerenciamento da MHA. A fase atual é de licitações e orçamento para a escolha das empresas que executarão as diferentes partes da obra. A expectativa é que até novembro as responsáveis pelas instalações já estejam contratadas, sendo que a previsão de conclusão final é de 39 meses.

Desafios superados

O projeto de ampliação do Hospital Sírio-Libanês foi concebido desde seu início com uma orientação clara em relação à contingência: como o dia a dia de uma instituição desse tipo é salvar vidas, a rotina não pode sofrer grandes alterações devido a quebras ou paradas de sistemas. É preciso haver uma contingência para problemas nos equipamentos – com caminhos alternativos, equipamentos reservas ou outros recursos.

Um dos pontos trabalhados no projeto foi readequar a expectativa do cliente entre o que é a melhor tecnologia para eventualidades e aquilo que efetivamente é razoável prever.

“Continua sendo a melhor tecnologia, continua tendo muitos recursos de contingência, só que com um limite de atendimento um pouco menor do que o que a gente tinha quando iniciou o projeto em 2008”, comenta Raymond Khoe, coordenador do projeto.

Outro desafio dizia respeito à altura das torres – a ampliação do Sírio é um dos maiores projetos que a MHA já fez. O lugar onde o hospital está localizado não permite uma expansão horizontal, somente vertical, e isso trouxe dificuldades, por exemplo, na disposição do controle de fumaça dentro do sistema de ar condicionado. A exigência do Corpo de Bombeiros é que seja possível exaurir a fumaça de um eventual incêndio, bem como repor a água. “Isso num prédio vertical com 16 andares, com pé direito alto, é bem complicado”, diz Raymond. Para completar, a ampliação receberá a certificação LEED, concedida pelo Green Building Council.

Empreendimento sustentável

Conheça alguns dos aspectos que darão às três novas torres do Hospital Sírio-Libanês a certificação LEED do Green Building Council.

Eficiência energética

Para um prédio ser sustentável, ele precisa ter 10% a mais de eficiência energética na comparação com um prédio virtual padrão simulado pelo Green Building Council. Para chegar a essa eficiência, as novas torres do Hospital Sírio-Libanês terão – além de equipamentos que consomem menos energia – uma quantidade significativa de vidros para permitir a refletividade da luz solar em relação ao ambiente.

Economia de água

Uma série de recursos serão utilizados nessa área, como a água de reuso. Essa água, proveniente de lavatórios, chuveiros e pias, será reutilizada nos sistemas de ar condicionado, de irrigação e de bacias.

Parte elétrica

Para evitar que uma pane na concessionária de energia deixe o hospital no escuro, uma usina de geração foi criada



Hospital Sírio-Libanês



Hospital Sírio-Libanês novas torres

para suprir eventuais faltas. Essa usina consiste na composição de 100% da energia necessária no Sírio através de geradores – nesse caso, de quatro geradores a diesel de cerca de 4 megawatts cada um. Além de poder assumir o fornecimento de energia para o hospital no caso de um blecaute, a usina assume o papel da concessionária nos horários de pico, quando a tarifa é mais cara.

Ar condicionado

O tratamento do ar externo é feito em equipamentos exclusivos. Ou seja, o ar externo quente e úmido não é jogado dentro do sistema diretamente, mas passa antes por outro local, onde é resfriado e perde a umidade. Isso permite que a qualidade do ar interno seja muito melhor controlada. Por outro lado, como o ar já vem seco, isso diminui a quantidade de água condensada nos condicionadores de ar, reduzindo o risco de formação de fungos e algas nas bandejas dos aparelhos. Bombas de calor

O uso dessas bombas de calor para aquecer água tem uma eficiência melhor do que um sistema a gás e muito melhor do que um sistema elétrico, e é feito através dos condicionadores de ar.

Telemática e automação

Todos os projetos foram desenvolvidos para que a automação possa não apenas monitorar, mas controlar os sistemas e as demandas por energia. A cada hora de mudança na carga térmica e condições de luz, o sistema de automação permite que o prédio se valha dessa tecnologia para atender às necessidades específicas dos horários. Por isso, as novas torres trabalharão sempre com a melhor condição de eficiência energética, seja na madrugada, seja no pico de atendimento, levando sempre em conta a lotação do hospital.

EDUARDO OLIVEIRA | DANIEL NEDER

Dois executivos e uma função em comum: gerenciar



Eduardo Oliveira e Daniel Neder passaram a fazer parte da área de Gestão da MHA. Na entrevista a seguir, eles contam um pouco sobre as suas atividades atuais e citam alguns desafios enfrentados, lembrando que, nesta etapa, a coordenação de pessoas e o alcance da excelência em termos de qualidade e lucro passam a ser os principais objetivos. Confira!

Jornal MHA Vocês poderiam contar um pouco a respeito do trabalho que desenvolvem na área de gestão da MHA? Como entraram nesta área?

Eduardo Eu estou trabalhando com a equipe da área desde o início de sua formação original. É uma equipe nova dentro da MHA em relação às outras, que cuida de elétrica, hidráulica e ar condicionado. Essa equipe foi formada pelo Washington e eu entrei no início. Até então eu estava trabalhando exclusivamente nela. Comecei dando apoio a projetos e, no decorrer do processo, fui começando a tocar estes projetos, definir, e participar do trabalho de ajuda à coordenação dessa equipe de Telecom como um todo. Foi aí que surgiu a oportunidade de partir para a equipe de Gestão. Então, além de conceituação e desenvolvimento de projeto, tratava-se de coordenação para tornar o trabalho mais ágil, coordenar a equipe toda, isso tudo dentro da equipe Telecom.

Daniel O meu trabalho é gerenciar postos, tempo, pessoas, qualidade. É gerenciar todas as áreas envolvidas na gestão de um projeto. Eu já vinha atuando na área, como assistente, e fui me preparando para assumir isso. Fiz MBA em Gestão de Projetos para estar apto a exercer essa nova função.

Jornal MHA Com a mudança de área, quais foram as principais diferenças notadas?

Eduardo A grande diferença é que você passa de uma equipe específica - com relação a um domínio técnico - para uma equipe de gestão de projetos, que exige uma gestão multidisciplinar, onde você tem que começar a gerenciar outras equipes como as de elétrica, hidráulica, e todas as outras do projeto. Além dessa coordenação técnica, outro diferencial é a coordenação financeira de um projeto desses quando você tem que começar a controlar custos do projeto, acompanhar

o andamento e garantir que ele tenha lucro no final. São duas operações básicas: coordenação técnica multidisciplinar e coordenação financeira do projeto.

Daniel As diferenças envolvidas se relacionam ao atendimento maior e direto com o cliente, lidando com todos os envolvidos, visando ao tempo e ao lucro. Essas foram as maiores mudanças além do cuidado maior com a qualidade dos projetos.

Jornal MHA Quais são os maiores desafios que vocês têm enfrentado?

Eduardo Eu acredito que o maior desafio esteja em buscar o resultado do projeto pelo qual você é responsável. Ou seja, mostrar serviço e conseguir que o resultado esperado seja mostrado. Isso tem sido uma grande bandeira da MHA em todos os encontros de gestão que a gente tem feito. O objetivo é garantir a produtividade do projeto em relação à dimensão da MHA, em relação ao concorrente. A gente tem que buscar uma produtividade grande. A área de gestão é relativamente nova. Não vou saber o tempo exato, mas num dado momento criou-se essa equipe de gestão, com pessoas que já eram coordenadoras. Hoje a equipe tem por volta de 40 pessoas, entre associados e gestores.

Daniel O maior desafio é a gestão de pessoas. São várias pessoas diferentes e você precisa tirar de cada profissional o melhor desempenho, ver quais são as maiores qualidades de cada um para poder usar isso, além de gerenciar conflitos entre os membros da equipe.

A equipe de gestão foi implantada em 1997 e se amplia conforme os profissionais se capacitam e incorporam totalmente a cultura MHA. Este período tem sido de no mínimo 10 anos, com raros desvios.